

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Em colaboração com INSHADOW – LISBON SCREENDANCE FESTIVAL
23 de novembro de 2022

WHY WE FIGHT? / 2021

um filme de Alain Platel e Mirjam Devriendt

Realização: Alain Platel e Mirjam Devriendt / **Argumento:** Alain Platel, Mirjam Devriendt / **Direcção de Fotografia:** Mirjam Devriendt / **Som:** Jean-François Levillain / **Música:** Steven Prengels / **Montagem:** Dieter Diependaele / **Investigação de Arquivo:** Rémonde Panis / **Interpretação:** Bérengère Bodin, Samir M'Kirech e TK Russell.

Produção: Emmy Oost / **Co-produção:** Christian Beetz / **Produção Executiva:** Tuan Lam / **Cópia:** Digital, cor, legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 97 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa.**

Primeira sessão de um ciclo dedicado ao processo artístico e criativo de quatro coreógrafos modernos de referência, com a abertura a cargo de Alain Platel (aqui no papel de coreógrafo e co-realizador), figura incontornável da vanguarda artística flamenga, onde surgiu nos anos 80, a par de nomes como Anne Teresa de Keersmaecker, Jan Fabre ou Wim Vandekeybus.

O seu mais recente trabalho a solo foi o espectáculo de dança “Nicht Schlafen” – uma “dança de vida e de morte,” segundo o próprio, centrada em temas como a violência e o sofrimento numa sociedade crescentemente acelerada. A criação teve a sua estreia em 2016 e trouxe à consciência de Platel uma série de questões até então subliminares em grande parte da sua obra, em particular numa que serviu de génese a este documentário – e que lhe dá um título.

A consciência cinéfila colectiva é desde logo remetida para a colecção homónima de filmes encomendada pelo Departamento de Guerra dos Estados Unidos ao realizador Frank Capra, aquando da entrada do país na Segunda Guerra Mundial. A diferença está na interrogação – se o projecto de Capra cinzelava a sua verdade (propagandista) numa pretensão informativa, Platel (em co-autoria com a videógrafa Mirjam Devriendt) assume desde logo a dúvida.

Why We Fight? abre com a apresentação pública do espectáculo, abraça categoricamente a temática-motriz que o título comporta, e desdobra-se entre os vértices que o estruturam: a dança, matéria-prima por excelência de Platel; um trajecto sinuoso por entre os mais variados materiais de arquivo fílmico/videográfico; e testemunhos de um conjunto de intervenientes, de artistas aos bailarinos, com especial ênfase nas palavras do historiador Philipp Blom.

É nesta tensão que o filme procura sustentar, com maior ou menor sucesso, a totalidade da sua duração, estabelecendo correlações entre materiais distintos, de relação ora literal, ora apelativamente insondável, forçando ou omitindo ligações conforme o teor dos testemunhos.

A secção de abertura é especialmente ilustrativa neste sentido, com a câmara a digladiar-se num bailado-luta com os bailarinos, e a montagem a surgir-nos desde logo permeada por um

conjunto de imagens de arquivo – dos primórdios do cinema a captações via telemóvel – que lhes potencie uma relação. Daqui decorre um espaço privilegiado para uma reflexão social e política, ainda que largamente em detrimento da arte da dança, subserviente (por desígnio) a uma série de conceitos que a acabam por manobrar continuamente num ou outro sentido.

De igual forma, esta procura por uma interdependência metafórica entre a arte da dança e a realidade da imagem-arquivo cria uma tensão delicada – à mercê da latitude de aceitação de cada espectador – ao subordinar a crueza da realidade a um ponto de vista forçosamente redutor. Há pequenos vislumbres de imagem-real neste filme com uma urgência de vida em tudo superior às equações propostas, e nem sempre é fácil assimilá-las nesse contexto.

Em simultâneo, diferentes vozes/depoentes trazem-nos visões distintas que o filme se digna a comportar e a entrelaçar livremente na sua construção. Serão estas figuras a nortear-nos a viagem e a desenhar uma relação directa entre a questão basilar do filme (*por que lutamos?*) e os mais variados temas – da pandemia, à emigração, ao racismo, à identidade e ao género – que daí decorrem. A sua presença traz ao filme uma tangibilidade emocional fundamental.

O filme cresce, assim, de questão em questão, metáfora em metáfora, acumulando dúvidas e abraçando as mais naturais incertezas. Neste percurso, somos continuamente devolvidos ao que nos fica da obra de Platel – imagens de ensaios, fragmentos do processo criativo dos vários envolvidos, pequenos apontamentos em torno da sua criação – e incitados a reavaliar a sua arte à imagem da realidade, bem como a reflectir sobre a realidade à luz da sua obra.

Dois espaços particularmente bem conseguidos de reflexão remetem, não por acaso, para a génese do próprio espectáculo, e perduram além-filme: a construção de uma parábola sobre a morte em torno dos cavalos perecidos na Primeira Guerra Mundial, e a música de Gustav Mahler, descrita por um dos intervenientes como “catártica, mas entrecortada por uma ironia persistente que a desconstrói,” que vem adquirir um efeito similar na narrativa visual do filme.

A secção final conduz-nos, necessariamente, ao nosso presente socio-político – um presente muitas vezes sugerido ao longo do filme, mas que a secção final se encarrega de literalizar: uma sinfonia de músicas e imagens, apontamentos gráficos e visuais, que mergulha com a devida ironia – e algum júbilo estético – na turbulência dos tempos modernos. Que o silêncio resultante conserve mais força do que a estetização precedente será menos um demérito do filme do que um reflexo (assumido) do pendor auto-destrutivo em que nos encontramos.

Talvez por isso, o que nos fica do filme não será tanto a proposta de reflexão em que assenta, quanto a ideia de uma viagem sensorial polifónica por entre vozes, imagens e ideias – uma interrogação, tão harmoniosa quanto dissonante, onde a última palavra será forçosamente a nossa. E, talvez por isso, o filme resista – nem sempre agradável, mas continuamente incisivo – naquilo que nos deixa: a sensação de uma viagem fervorosa da violência à paz, da beleza à fealdade, da esperança ao desespero, do caos à ordem, do alvoroço à mais plena quietude.

Why We Fight? é, acima de tudo o resto, o reflexo (possível) de um mundo em permanente mudança; um mundo do qual somos – neste entretanto – uma parte activa.

João Coroa Justino (InShadow – Lisbon Screendance Festival)